

Resenha

A comunicação de Lucien Sfez (Lucien Sfez, Editora Martins Fontes, 2007)

Eliane Cristina Gomes de Medeiros¹

O filósofo francês Lucien Sfez aborda mais uma vez o tema da comunicação. Conhecido no campo teórico por sua “Crítica da Comunicação” (São Paulo, 1994; Edições Loyola) o autor é um dos maiores estudiosos atuais de teoria da comunicação e análise de discurso. Autor de ensaios que discutem o papel da biotecnologia, as pesquisas em inteligência artificial, a sociedade de consumo e a cultura midiática.

Em seu “A comunicação” (2007), Lucien Sfez é categórico ao afirmar que nunca antes na história tivemos tantos meios de comunicação, porém, nos entendemos cada vez menos. Para alicerçar suas considerações, o autor apresenta três metáforas constitutivas do conjunto do fenômeno comunicacional. Elas se identificam com três visões de mundo e com três políticas muito atuais e organizam o plano geral do livro: a comunicação representativa, expressiva e confusional.

De início, Sfez aborda três teorias explicativas de Jürgen Habermas, Jacques Ellul e Pierre Legendre. Com bases nessas teorias, Sfez organiza sua argumentação e apresenta três metáforas, três visões de mundo: a máquina (representar), o organismo (expressar), Frankenstein: o tautismo (confundir). É importante afirmar que o lugar de fala do autor é o campo da Filosofia.

Na primeira metáfora, Sfez apresenta a máquina, onde o homem faz uso da técnica, mas não se submete a ela. A preposição “com” se destaca. É “com” a técnica que o homem realiza as tarefas que determina e que se mantém como senhor das atividades cujo meio pensou. Na segunda metáfora, o autor nos apresenta ao organismo (expressar), aqui os objetos técnicos são o ambiente “natural” do homem, pois o indivíduo está sujeito à visão de mundo que eles induzem. É a preposição “em” que se destaca. Em um mundo feito de objetos técnicos, o homem tem de contar com a organização complexa de hierarquias à qual

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

se submete. Ele é “lançado no mundo”, a técnica se torna natureza do homem e ele é capaz de se adaptar a ela.

Em seguida, Sfez nos apresenta a metáfora do Frankenstein (confundir) onde o tautismo é seu conceito. Metáfora e conceito se unem numa terceira atitude: a constatação tecnológica leva a melhor. Ela rege a visão de mundo. A preposição “por” é que se destaca, “por” meio da técnica, o homem pode existir, mas não fora do espelho que ela lhe estende. No campo do “confundir” emissor e receptor não tem papéis definidos e por isso, explica Sfez, a confusão. Em um universo no qual tudo comunica, sem que se saiba a origem da emissão, sem que se possa determinar quem fala, a comunicação morre por excesso de comunicação e se acaba em uma interminável agonia de espirais.

Ao longo dos três capítulos do livro, o autor fundamenta suas metáforas e define cada modelo de comunicação. No primeiro capítulo, Sfez coloca a representação como a primeira definição da comunicação. Nesse campo, a comunicação é a mensagem que um sujeito emissor envia a um sujeito receptor por meio de um canal. Sfez afirma que, diante desse modelo, as teorias clássicas da comunicação e representação coincidem. A comunicação distingue um emissor e um receptor unidos por um canal. Já a teoria da representação distingue o mundo objetivo a representar e o mundo efetivamente representado unidos por um mediador. Nos dois casos, segue o autor, poderes consideráveis são concedidos ao elo intermediário, mediador, representante legal, midiático. A comunicação representativa tem por metáfora a máquina. Uma imagem expressiva dessa máquina comunicativa é a “bola de bilhar”, cuja marcha e cujo impacto sobre o receptor são sempre calculáveis. Sfez acredita que a representação é a única maneira de garantir a realidade do sujeito e a realidade da natureza. A representação garante sua coincidência.

No segundo capítulo Lucien Sfez define a comunicação como expressão. Aqui, deixa de existir envio, por parte de um sujeito emissor, de uma mensagem calculável a um objeto receptor. Não há emissor, canal e receptor, bola de bilhar, causa e efeito, com sucessões e hierarquias compartimentadas. No modelo expressivo, a comunicação é inserção de um sujeito complexo num ambiente propriamente complexo. O sujeito faz parte do meio, e o meio do sujeito, ambos praticam trocas incessantes. A realidade do mundo não é mais objetiva, mas faz parte do próprio sujeito. O sujeito global é o mundo natural. Mas o

indivíduo não perdeu seus direitos: ele deve fazer o bom enunciado, situar-se corretamente no mundo para suscitar bons encontros com ele.

Confusão é a terceira definição de comunicação para o autor no terceiro capítulo do livro. Aqui foram levados a desaparecer a mensagem, o sujeito emissor, o sujeito receptor. Suprimidas a realidade do sujeito, a realidade de mundo; de partida a realidade interativa dos indivíduos. Eliminada toda referência à representação cartesiana, que põe distantes o sujeito e o objeto. Eliminada também toda referência à expressão espinosiana (do bom enunciado), à delicada inserção de um sujeito complexo em um ambiente complexo.

Aqui a comunicação não passa da repetição impertubável do mesmo caracterizado pela tautologia, repetição constante do mesmo que, segundo o autor, caracteriza a comunicação no tempo atual. A tautologia faz do sujeito um indivíduo preso ao silêncio, encerrado em sua fortaleza interior (autismo), captado por um grande Todo que engloba e dissolve até o menos de seus átomos paradoxais. Essa totalidade sem hierarquia, esse autismo tautológico, o autor o chama de tautismo, neologismo que condensa totalidade: autismo e tautologia.

Por fim, Sfez afirma não se opor à comunicação, mas considera que comunicar não quer dizer nada. “Há várias comunicações possíveis. No mínimo três: a representativa, a expressiva, a confusional, que tende hoje a abarcar o universo e se pretende a única comunicação possível”. Para o autor, essa última é a mais perigosa por se opor à política do bom senso e da interpretação, sendo a interpretação única forma de oposição ao modelo de comunicação confusional que impere nos dias atuais.

É interessante observar as três definições de comunicação do filósofo Lucien Sfez e poder encontrar alguns caminhos para a construção de um entendimento sobre comunicação. De pronto, o autor acaba revelando certo ranço ao advento tecnológico, ou melhor, nas esperanças apregoadas por muitos teóricos quando da popularização da Internet. Mas por outro lado, esse ranço nos aponta uma reflexão, quando o autor nos dá sua definição de comunicação confusional. Num mundo cada vez mais comunicante, compartilhado, informacional, se perder na confusão de enunciados pode se tornar fato. Mas o próprio Sfez nos apresenta uma saída do labirinto confusional: a interpretação, esse é o caminho do entendimento do que comunicado e que promove as relações humanas com conteúdos pertinentes.